



BIG DATA, ALGORITMOS E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A URGÊNCIA DE UM FEMINISMO DE DADOS

Eixo Temático 17

Pablo Corso¹
Emily Gabriele Reis da Silva²
Raquel Furtado Conte³

RESUMO

A *big data* refere-se aos conjuntos massivos de dados que moldam o mundo digital. As grandes empresas de tecnologia, como Microsoft, Apple, Alphabet e Meta, utilizam da coleta, interpretação e uso de dados de bilhões de pessoas com o objetivo de maximizar lucros, perpetuando o colonialismo de dados e reafirmando o poder do Norte Global. Os algoritmos acabam por condicionar o sujeito a uma falsa liberdade, guiados pelo dispositivo de poder da psicopolítica, que tem em sua essência a entrega de perfeitas *timelines*, experiência de usuários, ofertas de serviços e produtos para o adestramento, a alienação e a vontade incansável de scrollar a página. Por resultado, os usuários são expostos a informações que reforçam os valores de quem o construiu, tornando à céu aberto narrativas sexistas, transfóbicas, homofóbicas e racistas que perpetuam discurso de ódio, violência e estereótipo de gênero, raça e classe, legitimando a existência de grupos misóginos e antifeministas, como *incels* e *red pills*. A máquina digital acaba por reproduzir não apenas representações distorcidas e preconceituosas, mas também legitimar a violência no mundo offline. Este trabalho propõe uma análise crítica de como a *big data* contribui para essas práticas violentas, destacando a necessidade urgente de uma abordagem fundamentada no feminismo de dados para enfrentá-las.

Palavras-chave: Algoritmos, *Big data*, Feminismo de dados, Violência de gênero.

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul - UCS, bolsista de iniciação científica - BIC-UCS, membro do grupo de pesquisa Diálogos Interdisciplinares: Ecofeminismo, Direito Ambiental E Violência De Gênero Contra Mulheres - UCS, bolsista PET-Saúde Equidade no eixo Interseccionalidade, pcorso1@ucs.br;

² Graduando do Curso de Direito da Universidade de Caxias do Sul - UCS, bolsista voluntária de iniciação científica do grupo de pesquisa Diálogos Interdisciplinares: Ecofeminismo, Direito Ambiental E Violência De Gênero Contra Mulheres, egrsilva@ucs.br;

³ Pós-Doutoranda em Direito Ambiental da Universidade de Caxias do Sul - UCS. Doutora no Programa de Diversidade e Inclusão Social, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999). Graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (1992). Professora Adjunta da Universidade de Caxias do Sul do Curso de Psicologia. Membro do Grupo de Estudos Psicologia e Estudos de Gênero da ANPEPP. É Psicóloga Clínica, e atua nas seguintes áreas: intervenções clínicas e programas de atendimento comunitário, psicologia do desenvolvimento humano, violência e gênero, rfconte@ucs.br.

INTRODUÇÃO

Sacar o celular é o movimento que mais repetimos no dia-a-dia. Usamos a Internet para conversar com amigos no *WhatsApp*, conferir as fofocas no Instagram, procurarmos um restaurante ou comprar um produto. A Internet não é apenas uma ferramenta tecnológica, mas a mediadora da maior parte de nossas vidas. Os dados, informações sobre quaisquer informações do mundo e dos usuários, são a matéria-prima para o funcionamento da Internet e suas programações (D'Ignazio; Klein, 2020; Faustino; Lippold, 2023; Souza; Cassino; Silveira, 2021). Nossas informações são utilizadas para ensinar algoritmos a mercantilizar a vida através do aprendizado de máquina e aprendizagem profunda. Os algoritmos são lógicas computacionais vistas como neutras, sem considerar que elas são produzidas por seres humanos, que reproduzem os mesmos preconceitos e estereótipos que seus criadores: os nerds homens brancos do Norte-Global. Segundo Souza, Cassino e Silveira (2021), a opacidade algorítmica faz com que o funcionamento dos algoritmos sejam ocultos aos usuários, tornando despercebida a responsabilidade das *big techs* pela prosperação massiva de grupos misóginos e antifeministas *on-line*, conhecidos pelo nome de manosfera.

Por trás disso está o colonialismo de dados, fenômeno promovido pelas *big techs*, que constróem a nova fase do imperialismo capitalista como oligopólios neocoloniais de empresas no ramo da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) junto a Estados do Norte-Global (Souza; Cassino; Silveira, 2021).

Esta pesquisa bibliográfica investiga como os algoritmos perpetuam violências contra mulheres, transformando discursos *on-line* em violência de gênero. Propõe-se uma abordagem baseada no feminismo de dados para combater esse problema.

Metodologia

O delineamento dessa pesquisa é de cunho exploratório e descritivo. Além de aprofundar uma temática relativamente nova, o que caracteriza a pesquisa exploratória, se pretende descrever o colonialismo dos dados, a partir dos algoritmos, *big data* e o feminismo de dados, portanto, caracterizando a pesquisa descritiva (Lakatos; Marconi, 2003).

O instrumento para a coleta de dados foi a ficha catalográfica, com a descrição dos estudos encontrados. Os procedimentos utilizados foram: seleção de estudos, leitura, recortes dos temas que contemplam o objetivo da pesquisa, categorização dos temas e agrupamento

para a análise e discussão. Como fonte, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os algoritmos e a *manosfera*. Para isso, foram utilizados os livros “Colonialismo de Dados” de Souza, Cassino e Amadeu (2021) e “Colonialismo Digital” de Lippold e Faustino (2023), e buscou-se estudos em português no Google Acadêmico com os descritores “*manosfera*”, “*masculinista*”, “*red pill*” e “*incel*”. Para o referencial de análise, utilizou-se a análise de conteúdo (Laville; Dionne, 1999) com emparelhamento de dados à luz do feminismo de dados de D'Ignazio e Klein (2020).

RESULTADOS

Algoritmos e o mito da neutralidade

Os algoritmos são criados pelo *nerd* homem branco do Norte-Global, que colocará não somente seu conhecimento sobre ciência de dados, mas também suas próprias experiências de vida no código-fonte da Internet (D'Ignazio; Klein, 2020; Faustino; Lippold, 2023; Souza; Cassino; Silveira, 2021). Sem dados sobre o mundo, a matéria-prima essencial dos algoritmos, as plataformas não servem para o uso. Aqui urge a difícil tarefa: selecionar dados para ensinar as programações. Com a curadoria do programador, os dados escolhidos mais e menos importantes são definidos, o que distorce informações. A não-neutralidade programada acaba por mal-interpretar dados expropriados de bilhões de pessoas após a estruturação dos algoritmos. Como resultado, conteúdos de homens brancos *cisheteros* e discursos *misóginos*, *racistas* e *LGBTQIAPN+fóbicos* são impulsionados pelos próprios algoritmos. Essa suposta neutralidade acaba por afetar diretamente as políticas das redes sociais e fóruns, que não apresentam críticas aos discursos de ódio, nem um controle adequado de conteúdo violento, quando sequer existem (Mendonça, 2023; Pinto, 2024).

Para manter o usuário dependente, a estrutura algorítmica das redes sociais e fóruns utilizam de ferramentas como o efeito bolha, que torna a *timeline* do usuário em uma bolha (Faustino; Lippold, 2023; Mendonça, 2023), e a maximização emocional, que impulsiona conteúdos impactantes (Mendonça, 2023). O efeito é a radicalização proposital de usuários em câmaras de eco, amplificando discursos de ódio e tornando-os receptáculos de alcance.

A *manosfera*

O termo *Manosphere*, traduzido para *Manosfera* ou *Machosfera*, foi cunhado por grupos *masculinistas* para designar redes online de comunidades voltadas a interesses masculinos. Popularizado por Ian Ironwood – pseudônimo de um marqueteiro de pornografia

e autor do livro *The Manosphere: A New Hope For Masculinity* (2013) –, o conceito está ligado ao pensamento red pill, que surgiu como reação de homens frustrados com uma cultura "transformada pelo feminismo" (Ironwood, 2013, p. 10). Essa visão se espalhou em fóruns e grupos na Internet desde os anos 90, inclusive em livros, manuais e manifestos (Amato; Miguel, 2024; Bidão, 2023; Pinto, 2024; Lima-Santos; Santos, 2022). O termo *red pill* vem de uma interpretação equivocada do filme Matrix, em que a "pílula vermelha", que no filme simboliza a desalienação, na manosfera, virou uma alegoria sobre um "plano feminino" de tornar o mundo ginocêntrico, centrado na perspectiva das mulheres.

A manosfera é representada por diversos grupos heterogêneos na Internet, como *MGTOW*, *Incels*, artistas da sedução, *Fathers4Justice*, ativistas dos direitos dos homens e *red pills*. (Amato; Miguel, 2024; Bidão, 2023; Pinto, 2024; Lima-Santos; Santos, 2022; Vilaça; D'Andréa, 2021). No Brasil, há grupos como os dogoleiros, jorgistas, homens sanctos, homens de bem e movimentos da real, comumente associados ao dogolachan, fórum da extrema-direita. (Amato; Mendonça, 2023; Miguel, 2024; Pinto, 2024).

Indissociável a sua linguagem está a misoginia e o antifeminismo atrelada a *memes*, cultura pop e jogos virtuais e o uso de *emojis* e termos em inglês. (Lima-Santos; Santos, 2022). Os conteúdos vão desde táticas da sedução e direito dos homens a tutoriais de estupro e endeusamento de homens que cometeram violências, independente se fazem parte ou não da manosfera. (Amato; Miguel, 2024; Pinto, 2024; Bidão, 2023).

Pertinente traçarmos um panorama de casos fora do âmbito digital derivados direta ou indiretamente da manosfera no Brasil: Caso Eloá, que refere-se ao assassinato de uma jovem de 15 anos por Lindemberg Alves Fernandes em 2008; Massacre Escolar de Suzano, causado por Guilherme Tauci Monteiro e Luiz Henrique de Castro em 2019; caso Discord, que consistiu em incentivo à mutilação, torturas aos animais, pornografia infantil e estupros virtuais cometidos por um grupo de homens entre 14 e 20 anos no Discord, inclusive contribuindo no assassinato de Ingrid Bueno, feito por Guilherme Alves Costa. (Amato; Miguel, 2024; Mendonça, 2023).

Pautas de extrema-direita também compõem a manosfera, como neonazismo, fascismo e neoliberalismo, utilizando a liberdade de expressão, defesa da família e da masculinidade "real" como argumentos recorrentes (Amato; Miguel, 2024; Bidão, 2023; Mendonça, 2023;

Pinto, 2024; Lima-Santos; Santos, 2022; Vilaça; D'Andréa, 2021). Não é à toa que o crescimento da extrema direita no período do Golpe da presidenta Dilma Rousseff foi precursor para a intensificação da manosphere no Brasil (Lima-Santos; Santos, 2022).

Urgência do feminismo de dados

A desigualdade de gênero na ciência de dados representa um risco grave, especialmente para mulheres negras, indígenas, LGBTQIAPN+ e pobres, cujo acesso à área é ainda mais limitado. Segundo a UNESCO, há apenas uma mulher para cada quatro homens nas ciências de dados (Bello; Estébanez, 2022). O próprio estudo demonstra uma falta de dados, visto que não há delimitação de quais os demarcadores sociais das mulheres. O mito da neutralidade reafirma o uso de dados de violências sistêmicas e estruturais sem as combater, tratando-os como evidências da realidade, pretexto suficiente para as TICs trabalharem pelo “lucro (de alguns), vigilância (dos minorizados) e eficiência (em meio a escassez)” (D'Ignazio; Klein, 2020, p. 41).

Nesse contexto, o feminismo de dados é uma forma interseccional de pensar os dados com o objetivo de observar criticamente a atuação de trabalhadoras na ciência de dados e apontar a impressão de preconceitos dos/nos dados, seja por ação por meio de algoritmos e inteligências artificiais, seja pelo reflexo de seus criadores:

[O Feminismo de Dados] é uma forma de pensar sobre os dados, tanto seus usos quanto limites, que é norteado pela experiência direta, por um compromisso com a ação e pelo pensamento do feminismo interseccional. O ponto de partida do Feminismo de Dados é algo que é geralmente desconhecido na ciência dos dados: poder não é distribuído em equidade no mundo. Aqueles que abdicam do poder são desproporcionalmente da elite, héteros, brancos, sem deficiência, homens cisgêneros do Norte-Global (D'Ignazio; Klein, 2020, p. 8).

DISCUSSÃO

O referencial teórico nos levanta questões perante a complexidade dos algoritmos e da manosphere. Nota-se que a cadeia de produção algorítmica opera como um sistema de reprodução de violências estruturais, que vai de um dado pessoal até sua conversão em violência de gênero.

Na origem deste sistema encontramos os programadores, nerds homens brancos do Norte-Global, que moldam o ambiente digital conforme suas experiências limitadas e privilegiadas (D'Ignazio; Klein, 2020; Faustino; Lippold, 2023; Souza; Cassino; Silveira,

2021), tornando os posteriores dados coletados de usuários enviesados e reforçados os preconceitos pelo aprendizado de máquina. Nas redes sociais, dois mecanismos amplificam o problema: o efeito bolha, que isola usuários em ecossistemas fechados (Faustino; Lippold, 2023; Mendonça, 2023), e a maximização emocional, que prioriza conteúdos polarizantes (Mendonça, 2023), criando o ambiente perfeito para a proliferação de grupos violentos, como a *manosfera*, que encontra na arquitetura algorítmica um refúgio acolhedor e impulsionador de seus ideais. Como resultado, violência online e offline de gênero e suas intersecções são impulsionadas.

O Feminismo de Dados é um convite a termos um olhar crítico aos dados, plataformas e a *Internet*, tomando como partido que “antes de existirem dados, existem pessoas” (D'Ignazio; Klein, 2020, p. 10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa evidenciam que os algoritmos, longe de serem neutros, reproduzem e amplificam estruturas de poder existentes, reforçando estereótipos de gênero, raça e classe, uma vez que são majoritariamente programados por nerds homens brancos do Norte-Global. A responsabilização das redes sociais e fóruns na condução de conteúdos *on-line*, apesar de primordial, é oculta e esquecida. Portanto, é necessário a transparência frente aos algoritmos e a utilização de dados por parte das TICs, que continuam nas primeiras colocações de empresas mais lucrativas da atualidade.

A presença de grupos misóginos e antifeministas no contexto digital, que é parte importante do capital financeiro das *big techs*, agrava o terror de viver sendo uma pessoa subalternizada. Enquanto grupos extrapolam suas barreiras com conteúdos de sedução e no compartilhamento de memes que estereotipam a mulher, que alcançam engajamentos descomunais nas redes sociais, os mesmos grupos, em outras esferas, ensinam uns aos outros a estuprar, violar, assediar e matar pessoas.

Não é necessário fazer parte do pensamento *red pill* para receber publicações misóginas que tenham alguma relação com ela, basta surfar na Internet, assim como você sequer precisa estar na Internet para sofrer as consequências da *manosfera*, basta você viver o dia-a-dia permeado por misoginia, racismo e LGBTQIAPN+fobia. O *red pill*, portanto, se apresenta mais como um discurso da cultura do que um pensamento, visto que extrapola as

barreiras das interações digitais e torna-se parte do próprio manto social da Internet, como uma mera nomeação diferente do machismo estrutural.

Diante disso, o feminismo de dados surge como alternativa urgente, propondo maior pluriversidade nas ciências de dados, transparência algorítmica, bancos de dados interseccionais e regulação pública e coletiva para combater as múltiplas violências derivadas do colonialismo de dados.

REFERÊNCIAS

BELLO, Alessandro; ESTÉBANEZ, María E. Uma equação desequilibrada: aumentar a participação das mulheres na STEM na LAC. Montevideu: UNESCO. 2022.

BIDÃO, Julia R. N. Tome a pílula vermelha e saia da Matrix!?: discurso e perspectivas da ideologia Red Pill no Brasil. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2023.

CORREA, Ana C. B. et al. Resenha crítica da publicação “Cosmologia Incel e o modo de subjetivação de jovens da extrema direita pelas plataformas digitais: uma cibercartografia da machosfera”. In: TADOKORO, Carlos E.; RAMOS, Alessandro C. Conexões Científicas Multidisciplinares e Interdisciplinares. v. 5. Vila Velha, ES, 2024. p. 11-13.

D'IGNAZIO, Catherine; KLEIN, Lauren F. Data Feminism. Cambridge, MA: MIT Press, 2020.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

IRONWOOD, Ian. The manosphere: A new hope for masculinity. Londres: Red Pill, 2013.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MENDONÇA, Yasmin C. de. Violência de gênero online: tecno-silenciamentos e resistências nas redes sociais no Brasil (2010-2022). 2023. Tese (Doutorado em Sociologia) - UERJ, Rio de Janeiro, 2023.

SOUZA, Joyce; CASSINO, João F.; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2021.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 410–440, 2021. DOI: doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27703. Acesso em: 16 abr. 2025.

PINTO, Júlio C. A. S. O movimento da supremacia masculina e propagação de ódio nas redes: um ensaio sobre a cultura Incel. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) - UNDB, São Luís, 2024.

AMATO, Bruna; MIGUEL, Raquel de B. P. De Matrix a Suzano: manosfera, teoria red pill e o massacre da escola Raul Brasil. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 7, n. 22, 2024. doi.org/10.29327/2410051.7.22-33. Acesso em: 16 abr. 2025.

LIMA-SANTOS, A. V. de S.; SANTOS, M. A. dos. (2022). Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 22(3), 1081–1102. doi.org/10.12957/epp.2022.69802. Acesso em: 16 abr. 2025.